

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra.
História da Literatura de Mato Grosso: Século XX.
Cuiabá: Unicen Publicações, 2001. 328p.

*Lidiane Álvares Mendes**

A autora, Hilda Dutra Gomes Magalhães, tem como proposta principal avaliar e mostrar ao público interessado que a Literatura de Mato Grosso tem em sua rede grandes obras e que estas caracterizam períodos distintos dentro do Estado. Veremos, em seu livro, que ela delinea a literatura mato-grossense, conceituando a história e a historiografia, catalogando grandes autores, numa mostra clara da importância deles no contexto social do mesmo.

Hilda Magalhães expõe, primeiramente, a visão de Rubens de Mendonça sobre os primórdios literários no Estado e, logo depois, a obra *Crônicas de Cuiabá*, de Barbosa de Sá.

Em relação às artes cênicas, o teatro em Mato Grosso surge com as primeiras minas de ouro, que deram origem à população urbana. Por todo o período colonial é marcada a passagem de Companhias de Teatro por Cuiabá, encenando em tabladros públicos comédias, peças de fundo rurais, romances e dramas. Nas festividades públicas havia peças de teatro usadas pelos governantes para amenizar os problemas socioeconômicos. Também foram criadas Companhias que, mesmo sem atividades importantes no cenário teatral, ficaram registradas na história das artes cênicas de Mato Grosso, como é o caso da Sociedade Escola Dramática, de 1883, fundada por Joaquim Bartolino de Proença, e formada pela mais alta estirpe cuiabana. Essa Companhia era apadrinhada pelo vice-cônsul italiano e durou pouco mais de três anos, dissolvendo-se com a volta do vice-cônsul para a Itália.

Inserido nos primeiros decênios do século XX, a autora cita o nome de Dom Francisco de Aquino Corrêa, o primeiro e o único até o presente momento a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em seu poema "Odes" ele mostra a influência sofrida por autores como Vergílio, Horácio, Dante, Vieira, Bernardes.

Os trabalhos literários de Dom Aquino têm como base o bem e os dogmas colocados a serviço da Igreja. O autor escreve com muita elegância e seus textos enobrecem o homem e sua pátria. Sendo líder cultural de sua época, por sua influência, sobre a literatura mato-grossense, em 1945, foi homenageado com o Grêmio Estudantil; Dom Aquino muito contribuiu para a divulgação de poesias no Estado.

**Graduada em Licenciatura Plena em História pelo UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande e Pós-graduanda em Formação histórica das políticas públicas e sociais no Brasil pela mesma Instituição. Atua como professora de Ensino Fundamental e Médio na Escola Estadual Jupiara, no município de Campo Verde/MT.*

Ainda neste período, Magalhães faz referências à razão e ao sensualismo de José de Mesquita, à poesia satírica de Zé Capilé, Aprígio dos Anjos e Indalécio Proença, ao amor e lírica de Arlinda Morbeck, responsável pela criação da revista *A Violeta*, criada em 1916, na qual participavam somente mulheres, periódico que perdurou até 1950.

Nas décadas seguintes o país, sob o governo de Getúlio Vargas, trouxe a Mato Grosso, entre 1930 e 1940, avanços políticos, econômicos e sociais, dentre eles modernos meios de comunicação, e transporte aéreo. As atividades culturais ganham o Cine Teatro Cuiabá, inaugurado na década de 40 e a literatura local transita ente o antigo e o moderno. Neste período Mato Grosso e Mato Grosso do Sul formam um só Estado, surgindo ao sul Hélio Serejo, o cantor dos ervais, denominado assim, por escrever sobre usos e costumes da região ervateira.

O Padre Raimundo Pombo da Cruz, Franklin Cassiano e Zulmira Canavarros, diante da modernidade do cinema falado, conseguem manter vivo o teatro nas décadas de 1920 e 1930. Entre os três, somente o Padre Raimundo teve suas peças editadas, a saber: *Caduquices de avô*, *A múmia Tibiriçá*, *Educação Moderna* (comédias) e *O Sinal misterioso e Herói hodierno* (dramas).

O historiador Rubens de Mendonça deixou para a literatura local e nacional uma vasta produção que contribui como base para estudos acadêmicos até os dias atuais. A obra *História da Literatura de Mato Grosso*, onde o conteúdo está resumido no compêndio do trabalho de Magalhães, *Poetas Bororós*, *Antologia Bororo*, *Poetas mato-grossenses*, poemas como *Cascalho da ilusão*, *Garimpo do meu sonho*, *No escafandro da vida* e *Dom pôr do sol*, também foi um dos fundadores da revista *Pindorama*, mas seus trabalhos pouco contribuíram para o modernismo no Estado.

As revistas que surgiam nessa época tinham como características a *Novidade* e a *Atualidade*, mas, no entanto, não mostraram muitas expectativas diante de suas propostas ao leitor, eles queriam acomodar em um único espaço a inteligência local com bases em manifestações artísticas o que não conseguiram legitimar o modernismo, dissolvendo-se logo depois de sua criação.

Depois da *Pindorama*, surgem as revistas *O Arauto da Juvenília*, *Ganga e Sarã*, vanguardistas, que tinham em sua redação nomes como Silva Freire, João Antônio Neto, Wladimir Dias Pino, representando uma nova leva de modernistas, que se sustentam na estética da década de 50. Dentre os nomes citados acima, ainda temos alguns representantes do pré-modernismo no Estado como Lobivar de Matos, o surrealismo de Manoel de Barros, o modernismo bissexto de João Antônio Neto e o vanguardista Silva Freire, este conceitualizado como esplêndido prosador e magnífico poeta por João Antônio Neto. Freire destacou-se como um dos mais bem sucedidos poetas do Estado, por sua forma inovadora estética e a agremiação do falar regional e o erudito.

Em 1950, o Estado passa por transformações bruscas; a marcha para o Oeste, que visa a ocupação do centro do país, trás ao território mato-grossense uma massa enorme de pessoas vinda principalmente do sul, no campo cultural temos as atualizações junto ao eixo Rio-São Paulo, esses fatores são importantes pois verifica-se que a literatura local teve um aumento gradativo em relação às outras décadas.

Neste contexto surge a linguagem mitopoética de Manoel Cavalcanti Proença, que publicou trabalhos como *Ritmo da poesia*, *Manuscrito holandês* (1959). Observa-se nos poemas de Wladimir Dias Pino, o racional e o irracional que se integram de forma pulsante e expressiva.

A metalinguagem e mito vêm demonstrados por Ricardo Guilherme Dicke, que acumula prêmios por suas obras. Dicke trabalha a trajetória humana e também a existência do homem. Alguns nomes da literatura local que são representantes das crônicas, folclore, costumes e linguagens poéticas, são eles: José de Mesquita, Antônio Lopes Lins, Leal de Queiroz, José Barros, Vicente Murano, Carmino de Campos, Guilhermina de Figueiredo, Gabriel Vandoni de Barros, Rosário Congro, Vera Randazzo, Luis Feitosa Rodrigues.

Na década de 70 o Estado passa por implantações de órgãos como SUDAM, (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste) e BASA (Banco da Amazônia S/A), onde investem nos grandes latifundiários e os pequenos produtores são obrigados a deixar suas terras, migrando para as cidades e transformando-as em um caos, pois estas não tinham infra-estrutura para acolher tantas pessoas.

É nesse processo de crescimento econômico e social que a literatura mato-grossense passa por transformações com Marilza Ribeiro, entre o erótico e o social, optando a escritora em desenvolver obras para o questionamento social, salientando as camadas mais baixas. Já Tereza Albues busca no regionalismo e no misticismo sua linha de pensamento, buscando, entre o bem e o mal, um dialogo com o sobrenatural.

Por sua vez, Hilda Gomes Dutra Magalhães tem na poética e na metalinguagem, busca no drama típico do século XX. A base para seus trabalhos são a vida e a morte, a convivência com a diferença.

Podemos citar, ainda, grandes nomes da literatura mato-grossense como o erudito e popular Padre Antônio Pimentel que abrange em sua escrita o social e o religioso, o acadêmico e o circunstancial. E ainda, Dom Pedro Casaldáliga que vem demonstrar a importância da participação literária na política de engajamento. Seus textos defendem a gente da terra, morador do vale do Araguaia. Dom Pedro conhece como poucos o sofrimento daqueles povos, as desigualdades sociais, escrevendo em um eu coletivo, sempre caracterizado pela lembrança de uma realidade inexistente.

Hilda Magalhães ainda cita em seu livro o teatro existencialista de Flávio Ferreira e a poesia das exceções de Aclyse de Mattos que dialogam com a arte contem-

porânea de forma a questionar a atualidade com tom cômico e lírico.

Para Magalhães, alguns autores, escritores e poetas merecem destaque como Mário César Silva Leite, Cristóvão Miranda Uchôa, Maria das Graças Campos, Etevaldo de Almeida, Maria de Lourdes, João Bosquo, Rômulo de Carvalho Neto, dentre outros.

A abordagem usada por Magalhães no contexto literário do Estado desde o período colonial até a contemporaneidade, mostra-nos que a Literatura de Mato Grosso acompanhou as transformações ocorridas no país, bem como, caracterizou-se com obras de cunho regional e poéticas.

A obra *História da Literatura de Mato-Grosso: Século XX*, por Hilda Gomes Dutra Magalhães, vem acrescentar a importância da literatura para o crescimento social de um povo, uma vez que, cada autor relata em sua obra o momento vivido, como sujeito participativo.

Este trabalho deve ser lido pelos profissionais da área de educação, como acadêmicos, e pessoas interessadas em saber um pouco mais sobre a história do Estado, justamente pela contribuição que ele trás, onde centraliza suas pesquisas nas bases literárias regionais mostrando as transformações ocorridas neste segmento.